

Questões de raça e etnia nas obras *Nação Crioula* de José Eduardo Agualusa e *O Outro Pé da Sereia* de Mia Couto: um estudo interseccional

Sousa, Ana Cristina Meneses de ¹

Santos, Hévili Alves dos ²

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa orientada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), realizada durante os anos de 2022-2023. Por meio do método utilizado nos estudos de literatura comparada, o presente trabalho tem por objetivo analisar os diferentes meios de discriminação e subordinação, especialmente racial e étnico, sofridos pelos povos de Angola e Moçambique, ao longo do processo de dominação portuguesa nos séculos XIX e XX. Desse modo, articulou-se um diálogo com os romances históricos e literários: *Nação Crioula*, de José Eduardo Agualusa e *O outro pé da sereia*, de Mia Couto. Ambos vistos a partir de uma perspectiva interseccional. Os estudos apontam que a despeito da narrativa colonial, outros marcadores influenciaram o processo de descolonização.

Palavras-chave: raça; etnia; Mia Couto; José Eduardo Agualusa; interseccionalidade.

Issues of race and ethnicity in the books *Nação Crioula* by José Eduardo Agualusa and *O Outro Pé da Sereia* by Mia Couto: an intersectional study

ABSTRACT

This article is the result of a research guided by the Institution Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) carried out during the years 2022-2023. Through the method used in studies of comparative literature, the present work has the goal to analyze the different means of discrimination and subordination, especially racial and ethnic, suffered by the people from Angola and Mozambique, along the process of Portuguese domination in the 19th and 20th centuries. Thereby, a dialogue was articulated with the historical and literary novels: *Nação Crioula*, by José Eduardo Agualusa and *O outro pé da sereia*, by Mia Couto. Both viewed by an intersectional perspective. Studies indicate that

¹ Universidade Estadual do Piauí. Professora associada da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: aninhahistoriadora9@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8467477383770313>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2099-8248>.

² Universidade Estadual do Piauí. Graduanda do curso de licenciatura plena em História. Email: heviliaves@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3700372957931718>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4144-1833>.

despite the colonial narrative, other markers influenced the decolonization process.

Keywords: Race; ethnicity; Mia Couto; José Eduardo Agualusa; intersectionality.

Problemas de raza y etnia en los libros *Nação Crioula* de José Eduardo Agualusa y *O Outro Pé da Sereia* de Mia Couto: un estudio interseccional

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación guiada por el Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica (PIBIC) realizada durante los años 2022-2023. A través del método utilizado en los estudios de literatura comparada, el presente trabajo busca analizar las diferentes formas de discriminación y subordinación, especialmente racial y étnica, sufridas por los pueblos de Angola y Mozambique a lo largo del proceso de dominación portuguesa en los siglos XIX y XX. De este modo, se articuló un diálogo con las novelas históricas y literarias: *Nação Croula*, de José Eduardo Agualusa y *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, ambas contempladas desde una perspectiva interseccional. Los estudios indican que, a pesar de la narrativa colonial, otros marcadores influyeron en el proceso de descolonización.

Palabras clave: etnia; raza; Mia Couto; José Eduardo Agualusa; interseccionalidad.

INTRODUÇÃO

José Eduardo Agualusa Alves da Cunha³ e Antônio Emílio Leite Couto⁴ são escritores africanos contemporâneos reconhecidos por suas temáticas pós-coloniais, refletindo as condições sociopolíticas e culturais de seus países de origem: Angola e Moçambique respectivamente. Ambos foram agraciados por prêmios de alcance mundial pelo potencial de suas obras. Como exemplo, mencionamos *O Vendedor de Passados* (2004), escrito por José Eduardo Agualusa e vencedor do *The Independent Foreign Fiction Prize* em 2007, e

³ José Eduardo Agualusa Alves da Cunha nasceu na cidade de Huambo, Angola, em dezembro de 1960, às vésperas da Guerra de Independência. Viveu a guerra civil de perto quando jovem e chegou a fazer coberturas e reportagens sobre o evento. Hoje é jornalista e escritor.

⁴ Antônio Emílio Leite Couto nasceu na cidade de Beira, Moçambique, no ano de 1955, quando o país ainda estava sob o domínio de Portugal. Ainda jovem, se alistou para participar ativamente no processo de independência, fazendo parte da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO), onde atuou como jornalista. Atualmente é escritor e biólogo ativista.

Terra Sonâmbula (1992), primeiro romance escrito por Mia Couto e ganhador do Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos no ano de 1995.

Destacando o contexto político, social e cultural no qual esses escritores estão inseridos, o presente artigo tem por objetivo examinar como José Eduardo Agualusa e Mia Couto, utilizam fatos históricos para criarem narrativas literárias que refletem a discriminação racial e étnica. Tais pontos atuam de forma interseccional, trazendo à tona aspectos do neocolonialismo, especificamente em Angola e Moçambique. Todavia, é importante discutir a respeito da interseccionalidade, termo não muito atual, mas que tem sido amplamente revisitado por sociólogos e outros estudiosos nos centros de estudos brasileiros.

De acordo com Teixeira (2020), pesquisadora do Grupo de Estudos Interdisciplinares Afro-brasileiros da Universidade Estadual de Maringá, o termo interseccionalidade foi usado de modo pioneiro por Sojourner Truth, uma mulher negra que nasceu em 1797, nos Estados Unidos. Escravizada, Sojourner não se deixou dominar, atuando como ativista na luta pelos direitos das mulheres e fazendo frente às questões abolicionistas. Em 1851, protagonizou um forte discurso, alertando sobre a importância de se pensar além da opressão de gênero. Considerando a existência de vários tipos de opressões, salientou que essas precisam ser interseccionadas.

Segundo as pesquisas de Teixeira, o termo interseccionalidade ganhou mais força a partir de 1989, quando a jurista norte americana Kimberlé Crenshaw passou a utilizá-lo e sistematizá-lo ao intitular a interseccionalidade como sendo a movimentação de núcleos de poder, assim como de discriminação. Estruturalmente, tais núcleos geram opressão, revelando eixos de racismo, patriarcado e estrutura de classe. Já Bilge (2009) tem uma síntese bastante atual ao dispor o conceito como:

une théorie transdisciplinaire visant à appréhender la complexité des identités et des inégalités sociales par une approche intégrée. Elle réfute le cloisonnement et la hiérarchisation des grands axes de la différenciation sociale que sont les catégories de sexe/genre, classe, race, ethnicité, âge, handicap et orientation sexuelle (BILGE, 2009, p. 70).

Assim sendo, é possível notar que o termo, embora amplamente utilizado pelo movimento feminino negro, acabou alcançando outras esferas de contexto que debatem diferentes tipos de opressão e subordinação. Uma vez

que esses diferentes dispositivos de repressão se englobam, inter cruzam-se e, de forma enérgica, concebem intersecções complicadas, criam desigualdades básicas e colocações relativas entre mulheres, grupos étnicos ou raciais, classes sociais, entre outros (PEREIRA, 2021)

Destaca-se que para os limites desse estudo o termo interseccionalidade será utilizado enquanto dispositivo teórico e metodológico capaz de cruzar as narrativas que partem das obras *Nação Crioula*⁵ e *O Outro Pé da Sereia*⁶, escritas por José Eduardo Agualusa e Mia Couto, respectivamente. A presente análise fará uso do conceito de interseccionalidade embasado pelo método da literatura comparada, que consistiu no processo de relacionar e sobrepor narrativas de discriminação e subordinação vividos por moçambicanos e angolanos, a partir da perspectiva da leitura dos dois autores pós-coloniais. A interseccionalidade servirá para percebermos como os marcadores de raça e etnia foram importantes para o enfrentamento pós-colonial.

Neocolonialismo: um panorama

Mediante estudos realizados a respeito do termo neocolonialismo, percebe-se que ele se refere a um processo violento, sanguinário e opressor que ocorreu na África, Ásia e Oceania no final do século XIX. Tal atuação foi capitaneada pelos países europeus no intuito de buscar por matérias primas, acelerando o significativo desenvolvimento científico e industrial de suas sociedades. No entanto, por meio desse processo unilateral, as ditas “potências” submetiam os povos considerados menos “desenvolvidos” a duras condições de vida. Segundo Memmi (1977), não há mais quem acredite na missão cultural e moral do colonizador. Considerando a visão apontada pelas pesquisas atuais, a partida para a colônia não era a preferência de uma luta incerta, buscada precisamente por seus perigos. Não é a sedução da aventura, mas sim um caminho para a facilidade. Na colônia ganhava-se mais, gastava-se menos. O interesse ocorre por conta das condições garantidas, gerando um satisfatório custo-benefício, bem como altos ordenados, carreiras rápidas e empreendimentos de maior vulto.

⁵ *Nação Crioula*: A correspondência secreta de Fradique Mendes é uma obra escrita por José Eduardo Agualusa. A primeira edição brasileira saiu no ano de 2012 pela editora Língua Geral.

⁶ *O Outro Pé da Sereia* é uma obra escrita por Mia Couto, cuja primeira edição brasileira saiu em 2016 pela editora Companhia das Letras.

O propósito deste artigo não é se debruçar sobre o que foi o colonialismo⁷ do século XIX ou discorrer sobre seu desdobramento e fim. Contudo, é preciso levar em conta que esse foi um acontecimento marcante para os povos africanos, formando a base para discussões pós-coloniais que começaram a surgir a partir das décadas de 1970 e 1980. O intuito dessa nota inicial é partir de uma questão geral é direcionar os esforços para uma discussão de caráter específico.

No texto *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, Memmi (1977) fala em um medíocre usurpador que se esforçou para falsificar a história ao reescrever textos e apagar memórias. Seja como for, o objetivo do colonizador foi conseguir transformar sua usurpação em legitimidade. Esse caráter legítimo destaca os méritos eminentes do usurpador, do colonialista, tão elevados que clamam por semelhante recompensa. Assim, seguem insistindo nos deméritos do usurpado, do colonizado. De fato, esses dois esforços são inseparáveis. Sua inquietação e sede de justificação exigem do usurpador que ele se lance ao céu, afundando o usurpado em um buraco abaixo da terra.

Essa conduta pode estar diretamente relacionada com a ideia da criação ocidental de uma identidade dos povos africanos. Criação esta que acentua deméritos, desvalorização, censura e preconceitos, fomentando uma ideia de que se tratam de povos bárbaros, selvagens e preguiçosos. De acordo com Silva,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (SILVA, 2014, p. 17).

Portanto, com a escrita de uma história distorcida e única que se faz universal, o continente africano ainda é vítima de inúmeras discriminações, oriundas de uma herança colonial opressora que representava o continente

⁷ Os termos colonialismo e neocolonialismo marcam dois momentos distintos da História. Enquanto o colonialismo viveu seu auge no século XVI em um contexto de expansão do capitalismo comercial e mercantil, sendo fortemente apoiado e alicerçado pelos Estados absolutistas europeus do período moderno, o neocolonialismo se processa ao longo dos séculos XIX e XX, relacionado à Segunda Revolução Industrial e ao capitalismo financeiro e monopolista. Este último foi apoiado pela burguesia liberal da Europa contemporânea e demais potências, como Estados Unidos e Japão.

com práticas de significados e sistemas simbólicos que o catapultavam à imagem de inferioridade.

No livro *O Espetáculo das Raças*, Schwarcz (1993) traça um esboço sobre algumas teorias, escolas e doutrinas raciais de grande destaque no século XIX, criadas e desenvolvidas sobretudo na Europa, e que tentavam explicar a origem do homem, os motivos de suas desigualdades e suas diferenças a partir de estudos em várias áreas da ciência. É o caso das teorias monogenista, poligenista, escola craniológica francesa, evolucionismo social e darwinismo social, por exemplo. Ainda segundo a autora, alguns termos utilizados por Charles Darwin na obra *A Teoria das Espécies*, como "seleção natural" e "mais forte e adaptado", serviram para justificar as empreitadas do imperialismo europeu (1993; p. 44).

Como vertente de uma escola determinista de cunho racial, o Darwinismo Social pode ser visto como a colocação das leis da Teoria da Seleção Natural na vida e nas comunidades humanas. Promovedor do termo, Herbert Spencer cunhou a expressão "sobrevivência dos mais aptos", cuja teoria pregava que os seres humanos eram desiguais por natureza, divididos entre superiores e inferiores. Desse modo, sendo a vida em sociedade uma luta por sobrevivência, vencem sempre os mais fortes. Força esta que pode encontrar reflexo na riqueza, com acesso ao poder social, econômico e político, enquanto os mais fracos não têm direito a nada. Além disso, essa teoria pregava que o processo natural da seleção biossociológica das elites era lesado pelo Estado com adoção de cuidados sociais de ajuda aos pobres, argumentando ainda que a teoria da seleção natural demonstrava que os inferiores, considerados menos aptos, deveriam morrer mais cedo e deixar menos descendentes (BLANC, 1994, apud BOLSANELLO, 1996).

Logo, falar sobre neocolonialismo e darwinismo social está intimamente ligado ao movimento de pós-colonização, além de estar associado ao termo interseccionalidade. Afinal, diferentes marcadores foram utilizados para justificar a desumanização e dominação europeia no continente africano como maneira de inferiorizar, julgar, menosprezar e usurpar a cultura, a administração política e a identidade dos povos nativos.

A escrita pós-colonial como forma de construção cultural e identitária

Conforme exposto nas linhas anteriores, após o longo processo de opressão, escravização e violência sofrido pelos africanos, adveio o período de descolonização. A partir da segunda metade do século XX, diversos países africanos deixaram de ser colônias europeias e passaram a ser independentes. Em meados das décadas de 1970 e 1980, muitos autores decoloniais, a exemplo de Chinua Achebe, Maurício Pestana dos Santos, conhecido por Pepetela, Paulina Chiziane e Scholastique Mukasonga começaram a pensar em reavivar e enaltecer as identidades e os elementos culturais dos povos africanos através da literatura, pois

O intelectual que se ancora nas teorias pós-coloniais busca compreender a dominação colonial como cerceamento da resistência, que torna a fala do indivíduo subalterno desqualificada (COSTA, 2013, p. 39).

Por esse ângulo, e sendo a literatura pós-colonial constituída de contos, romances, poesia, crônicas e outros escritos, é inegável que essas narrativas são embasadas por recortes historiográficos que expressam questões marcantes para as sociedades africanas, em especial a moçambicana e angolana, em relação ao contexto de dominação vivenciado por esses povos. Todos os elementos históricos são de muita importância para a escrita ficcional africana, pois eles se misturam na criação da identidade do continente. Logo, os fatos históricos podem ser entendidos como artifícios criativos empregados pelos escritores para incrementar suas obras, passando a dar voz aos países africanos (OLIVEIRA, 2014; BERSANI 2014; ALMEIDA, 2014).

Uma grande característica da literatura africana pós-colonial é o uso da oralidade. Como concebe o poeta senegalês Léopold Sédar Senghor, a escrita literária pode ser facilmente entendida como a continuação da tradição oral africana. Todavia, por muito tempo, essa tradição oral foi encarada pelas teorias evolucionistas e folcloristas europeias como uma manifestação primária, simples, não sujeita a um trabalho reflexivo e nem vista como produto de um povo. Já a literatura escrita apresentava um modelo contrário: um final conclusivo de um processo de desenvolvimento, complexo, e resultado do trabalho de um único autor (LEITE, 1998, p. 14-19).

Hutcheon (2014) afirma que o pós-colonialismo é um fenômeno cultural pós-moderno, uma poética avançada e uma estrutura conceitual flexível, cujo significado teórico compreende como metaficções historiográficas. Assim, os romances pós-coloniais se alimentam grandemente do universo histórico como maneira de produção de saber sobre o passado nacional e, principalmente,

como forma de proporcionar leituras alternativas sobre o discurso colonial prevaemente durante o século XX. Já Campos (2008) relata que a vinculação de elementos da oralidade, a desestruturação gramatical da língua oficial, a mitificação do passado grandioso, o toque de denúncia, o rigoroso compromisso político e o uso de línguas e expressões culturais nativas representam o desejo desses escritores em se distanciar do prisma colonial e criar algo que possa ser entendido e identificado como realmente africano.

É nesse contexto que José Eduardo Agualusa e Mia Couto atuam como escritores pós-coloniais, aflorando desde situações do cotidiano e alcançando os prismas político e administrativo, com duras críticas e reflexões sobre suas nações de origem, renovando as tradições, as crenças e possibilitando outros olhares e dizeres aos africanos. Atuação que é de suma importância, já que as obras desses autores induzem os leitores a perceberem a riqueza, a beleza e a história de seus países. Há também a ideia de que não existe apenas uma África, mas sim uma pluralidade de Áfricas, posto que cada povo que lá vive tem sua própria maneira de enxergar e compreender o mundo ao seu redor, suas próprias crenças, línguas e estilos de vida, fazendo cair por terra os múltiplos estereótipos.

Não obstante, tanto José Eduardo Agualusa quanto Mia Couto trazem suas próprias vivências e entendimentos para a escrita de seus textos, além de serem profundamente marcados pela oralidade. Como são escritores que nasceram dentro do recorte da segunda metade do século XX, vivenciaram e acompanharam as guerras civis de Angola e Moçambique. Aos 15 anos de idade, José Eduardo Agualusa sentiu o que seria a luta Pós-Independência de Angola. Inclusive, ele chegou a escrever várias reportagens na época, percorrendo sobre os acontecimentos que assolavam seu país e sua gente. Já Mia Couto se alistou na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) durante o processo de independência do país.

Em algumas entrevistas, José Eduardo Agualusa menciona várias vezes sobre o modo como ele percebe a escrita literária, afirmando que “a literatura sempre será um espaço de reflexão”⁸ (WOOK, 2018), ou, ainda, que “a literatura de forma geral é um debate. Os bons livros são aqueles que nos inquietam. A gente termina de ler, mas não termina. Eles continuam dentro de nós”⁹ (AGUALUSA, 2019). Por outro lado, Mia Couto confessa que escreve

⁸ Entrevista concedida por José E. Agualusa a livreria Wook, de Portugal, em 24 de setembro de 2018.

⁹ Entrevista cedida por José E. Agualusa ao canal Fronteiras do Pensamento no Brasil, em 26 de setembro de 2019.

para si próprio, para lidar com seus próprios fantasmas e dialogar com seus próprios eus¹⁰ (COUTO, 2019). Como escritor e poeta, ele faz referência ao que traduz sua própria visão do mundo¹¹. Nesse sentido, urge conectar suas obras com o termo interseccionalidade, de modo que se possa compreender como ambos retratam essa dominação colonial em uma conjuntura de discriminação.

Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes

Misturando realidade e ficção, *Nação Crioula* (1997), romance histórico escrito por José Eduardo Agualusa, é ambientado em Luanda em um período de finais dos anos 1860 a 1900. A obra é dividida em 26 capítulos, retratados como cartas do protagonista a pessoas de sua intimidade. Ele narra suas aventuras, reflexões e vivências a amigos da Inglaterra, de Angola e, especialmente, à madrinha.

Fradique Mendes, personagem principal da obra, é um aventureiro, viajante e membro da corte portuguesa. Ao viajar por diversas colônias do Império, ele resolve passar uma temporada em Angola na companhia de Smith, seu fiel escudeiro. Ao chegar em Luanda e se alojar na casa de um velho amigo, Coronel Arcénio de Carpo, Fradique Mendes passa a escrever à madrinha contando sobre sua estadia na cidade e descrevendo os hábitos locais, a culinária e os mexericos da comunidade. Assim, tem início uma jornada que passa por Luanda e chega ao Brasil:

Luanda, maio de 1868
Minha querida madrinha,
Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (AGUALUSA, 2001, p. 9).

¹⁰ Entrevista atribuída por COUTO, Mia. Nexo Jornal. [4. 2019]. Entrevistador: José Orenstein, 2019. Vídeo (21:23 min.).

¹¹ Entrevista fornecida por COUTO, Mia. Carta Capital. [4. 2019]. Entrevistadora: Giovanna Galvani, 2019. Vídeo (12:18 min.).

Em um primeiro momento, a visão do homem branco europeu toma conta da narrativa, revelando o sentimento de superioridade diante do que encontra na área ocupada pelos portugueses. No entanto, conforme o enredo se desdobra, Fradique Mendes passa a ter uma concepção bastante diferente sobre o espaço em que acabou de desembarcar. Destarte, enquanto passeia e fica a par das fofocas da colônia, esbarra também nas inconsistências encontradas ali:

Quanto aos filhos-do-país, eufemismo com que a si próprios se designam os mestiços e alguns negros calçados, esses ocupam-se trabalhosamente a construir intrigas nos cafés da capital, o que fazem com grande talento. Desgraçadamente, enquanto se devoram uns aos outros por um cargo menor na hierarquia da Fazenda, os degredados seduzem-lhes as mulheres e as filhas, roubam-lhes as terras e os negócios, reforçam o seu poder na administração da colônia (AGUALUSA, 2001, p. 11).

No trecho acima, é possível notar uma demonstração explícita do papel ocupado pelo homem negro na sua própria terra, ambiente em que, a todo momento, ele precisa provar o seu valor e buscar por uma posição social que lhe permita viver uma vida melhor, seja mestiço ou liberto.

Na opinião do filho do anfitrião de Fradique Mendes, um mulato que nasceu e mora na cidade, é possível notar o desgosto quanto aos conterrâneos que ainda resistem na manutenção de suas culturas ancestrais:

os pretos do mato constituem grande obstáculo à rápida transformação de Angola num país moderno uma vez que não têm sequer uma ideia de Estado, recusam-se a falar português e permanecem cativos de toda a espécie de crenças e superstições (AGUALUSA, 2001, p. 12).

Logo, destaca-se que um dos usos analíticos da interseccionalidade está também em não enxergar os seres humanos como uma massa homogênea e indiferente de indivíduos, criando estruturas para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam essas pessoas de maneira diferenciada no mundo (BILGE, COLLINS, 2020). Com isso, é possível relacionar o preconceito racial atrelado ao étnico no trecho supracitado. Segundo o personagem, o almejado progresso da colônia só ocorreria de maneira fácil e rápida com a negação, por parte do colonizado, de

suas crenças, idiomas e costumes. Nesse sentido, evidencia-se o local ocupado pelo colonizado como uma figura que, ainda que seja detentora de grande valor econômico, é constantemente marginalizada e inferiorizada.

Por conseguinte, em meio a cultura local e aos tormentos da ocupação portuguesa, Fradique Mendes conhece figuras importantes do governo angolano, bem como grandes comerciantes, ricos escravocratas, padres e curandeiros. Mendes também conhece Ana Olímpia, uma preta muito rica e dona de escravos com quem se casa e tem uma filha. A rica escravocrata é personagem de suma importância na obra, pois é quem refletirá a voz do povo escravizado. Ela também apresenta características bastante contraditórias, visto que, como uma pessoa negra que já foi escrava, mantém em sua residência um conjunto formidável de cativos que, segundo suas palavras, são como uma família.

Fradique, aborrecido, perguntou-me o que é que eu sentia, tendo sido escrava, e sendo filha de uma escrava. O que é que eu lhe podia dizer? Se fosse hoje, ter-lhe-ia respondido com um provérbio crioulo da Serra Leoa, país que visitei recentemente: *stone we dei botam wata*, no *saywen rain de cam*, ou seja, uma pedra debaixo da água não sabe que está a chover. O escravo da cidade, regra geral, ignora o que significa não ser escravo, ou, pelo menos, não se demora a construir filosofias a tal propósito. Trabalha, porque a isso é obrigado, come, bebe e dorme. Eu só soube o que era não ser livre, quando, depois de ter sido senhora de escravos, regressei (da forma mais brutal) àquela condição (AGUALUSA, 2001, p. 81).

Ana Olímpia é filha de um rei congolês que foi preso pelos portugueses, permanecendo no cárcere até sua morte. Na ocasião, Ana ainda era muito jovem e também cativa. Após um episódio envolvendo sua mãe, ela conheceu Victorino Vaz de Caminha, um opulento escravocrata e comerciante, que se interessou pela jovem logo à primeira vista. Quando chegou na idade considerada apropriada, Ana casou-se com ele e se tornou uma das mulheres mais prósperas da cidade.

Ana Olímpia conheceu Fradique Mendes em um baile do governador. Após a morte trágica do marido, os dois resolveram assumir o relacionamento. Depois disso, o irmão de seu falecido marido aparece e a recoloca no lugar de escrava, entregando-a a serviço de uma escravocrata conhecida por ser a “pior mulher do mundo”. Essa mulher se chama Gabriela Santamarinha, uma abastada comerciante da cidade que se interessava sobretudo por escravos

albinos. Ao escrever uma carta relatando sobre sua volta ao cativeiro, Ana Olímpia revela um pouco mais a respeito de sua condição enquanto escravizada:

Deixaram-me sozinha na primeira noite, mas na manhã seguinte uma das escravas, Júlia, natural do Rio de Janeiro, veio fazer-me companhia. Mostrou-me as costas cortadas a golpes de cavalo-marinho. Ela vai-te açoitiar, disse. A certeza de que eu seria submetida a idêntica tortura parecia deixá-la feliz (AGUALUSA, 2001, p. 83).

Os trechos acima demonstram uma nítida expressão da consciência eurocêntrica, em que a pessoa negra é tida como incivilizada, bárbara, primitiva e, por isso, devia ser tutelada e controlada pelos brancos, raça tida como “poderosa” e “desenvolvida” por ter historicamente justificado os discursos que a nomeavam como raça privilegiada. Fanon (2008), denunciou em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, que o racismo é um entrelugar, onde se percebe o movimento dos sentimentos, principalmente a inclusão das questões de angústias e dores.

Logo, a reunião desses diferentes mecanismos repressores pode e deve ser considerada a partir do viés interseccional. Esse conceito é aplicado tendo em vista que a discriminação pela cor da pele se configura como racial e o preconceito contra o conjunto de crenças, costumes, idiomas e maneiras de agir do povo de Angola pode ser entendido como discriminação étnica. Tudo isso sinaliza para marcadores de interseccionalidade na obra *Nação Crioula*, escrita por José Eduardo Agualusa.

Interseccionalidades na obra O Outro Pé da Sereia

Com a obra *O Outro Pé da Sereia*, Mia Couto afirma e fortalece sua própria identidade com uma escrita poética, criativa e marcante. O livro de muitas histórias e recortes temporais está dividido em dois tempos narrativos: o primeiro surge em 2002, com a ida de Mwadia Malunga para sua terra natal, Vila Longe; e o segundo ocorre em 1560, momento em que os leitores se deparam com os relatos de viagem de D. Gonçalo da Silveira¹², um importante

¹² Dom Gonçalo de Silveira é um personagem inspirado em uma figura real. Trata-se de um dos pioneiros da cristianização do continente africano. Nasceu em Almeirim, Portugal, em 23 de fevereiro de 1521. Sua mãe morreu no parto e quem o educou foi sua irmã, Dona Felipa de Vilhena. Seu pai era diplomata e, ainda muito jovem foi ser missionário.

missionário da Ordem jesuíta da Índia portuguesa em jornada pelo Império de Monomotapa. Assim, vale notar que Monomotapa é um modo europeu de chamar o real Reino de Mwene Mutapa (M'BOKOLO, 2009). Este foi um reino bastante extenso, poderoso e rico em ouro que prosperou na África durante os séculos XVI e XIX, aproximadamente.

Importante destacar que esta pesquisa não irá se ater à primeira camada narrativa existente no supracitado romance histórico, que se refere à estadia de Mwadia na casa de sua mãe em Vila Longe. Por meio da análise, o presente trabalho busca acompanhar a segunda fase do romance, voltada para a trajetória de viagem do então missionário D. Gonçalo e sua tripulação, que é formada por marinheiros, funcionários do reino, deportados e escravos. Os tripulantes seguiam a bordo da nau Nossa Senhora da Ajuda a caminho de um grande e poderoso reino africano do século XVI. Como Mia Couto explica:

O propósito da viagem é realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa. Gonçalo da Silveira prometeu a Lisboa que baptizaria esse imperador negro cujos domínios se estendiam até ao Reino de Prestes João. Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã (COUTO, 2006, p. 38).

Ao longo desse segundo momento narrativo, para além de vivenciar o caminho percorrido por D. Gonçalo acompanhado de Nossa Senhora, benzida especialmente pelo papa, o leitor também se depara com múltiplas ocorrências dentro do navio. A embarcação está repleta de personagens interessantes, a exemplo do padre Antunes que, aos poucos, passa por um processo de africanização, chegando a se descrever como negro e nativo. Há também o caso do escravo Nimi Nsundi, sujeito que, ao contrário dos brancos, acredita que a santa Nossa Senhora, carregada por D. Gonçalo, é Kianda, a deusa das águas.

— É que eu vi como essa Santa queria ficar ali, no pântano. Enquanto falava, o negro ia-se desviando da mão do português. Ele não era tocável, era um escravo, um ser da outra margem. Cabeça baixa, procurando as palavras, retomou a palavra:

— Essa Senhora não escorregou...

— Não escorregou?

— Ela desceu, só mais nada: desceu por vontade dela.

— Como por vontade dela?

— Essa Senhora, eu já conheço, na minha terra chamam de kianda (COUTO, 2006, p. 39).

Mais uma vez, é necessário destacar o modo como os europeus são representados ao tratar os povos africanos, assim como outros estrangeiros colonizados, como pode ser observado no trecho de uma conversa entre Dia Kumari, escrava indiana, e Nimi Nsundi, nascido na região:

O ajudante de meirinho encostou-se ao mastro, largou a pá e procurou algo entre os largos bolsos.

— Dou-lhe esta luz para que possa ler uma carta. Você lê, não lê?

— Antes de Dona Filipa me ensinar português eu já lia os nossos livros, na nossa língua, esses livros que os portugueses queimaram...

— Isso não é verdade.

— Esses seus amigos queimaram os nossos livros, eles queriam queimar era a nossa língua (COUTO, 2006, p. 86).

Concomitantemente, presenciavam-se muitos relatos nos quais o povo oprimido expressa também sua visão a respeito da dominação europeia — nesse caso, especificamente portuguesa:

Não, minha amiga Dia, eu não traí as minhas crenças. Nem, como você diz, virei costas à minha religião. A verdade é esta: os meus deuses não me pedem nenhuma religião. Pedem que eu esteja com eles. E depois de morrer que seja um deles. Os portugueses dizem que não temos alma. Temos, eles é que não vêem. O coração dos portugueses está cego. A nossa luz, a luz dos negros, é, para eles, um lugar escuro. Por isso, eles têm medo. Têm medo que a nossa alma seja um vento, e que espalhem cores da terra e cheiros do pecado. É essa a razão por que D. Gonçalo da Silveira quer embranquecer a minha alma. Não é a nossa raça que os atrapalha: é a cor da nossa alma que eles não conseguem enxergar (COUTO, 2006, p. 86).

De acordo com Bilge (2009), alguns autores indicam que a interseccionalidade pode propiciar um quadro de análise que possibilita abordar assuntos tanto macrossociológicos quanto microssociológicos. Pode, inclusive, ser operada em dois níveis. Em um deles, o microssocial, identificam-se os efeitos das estruturas de desigualdade entre os indivíduos e as maneiras pelas quais essas intersecções produzem configurações únicas a partir da consideração de categorias sociais interligadas e de múltiplas fontes de poder e privilégio.

Com isso, pode-se inferir a partir da leitura do romance a configuração do domínio colonial sendo reproduzida por meio da discriminação por raça e etnia. Nos relatos, nota-se uma nítida tentativa dos portugueses, figuras que se manifestam como símbolo de poder e privilégio, tentando excluir e marginalizar a cultura local à medida que geram a inferiorização do próprio africano.

A união entre diferentes meios de arbitrariedades se expressa de forma a consolidar a ação portuguesa em Moçambique. Isso ocorre através da discriminação do idioma e das práticas culturais tradicionais, como é possível observar nas menções anteriores, em favor do idioma e da religião europeia, fazendo disso uma arma na tentativa de dominar e submeter os colonizados aos seus interesses e necessidades.

Em síntese, o presente artigo se encarrega de apontar, por meio de obras literárias africanas de caráter ficcional com fundamentação histórica bem acentuada, um processo histórico chamado de imperialismo. A análise elaborada destaca também como características étnicas e raciais foram usadas de modo a condicionar um terreno favorável às grandes potências mundiais ao longo do século XIX e XX. O ponto principal é que esses textos mostram a ficcionalidade da própria história; eles negam a viabilidade de uma distinção claramente sustentável entre história e ficção ao darem relevo ao fato de que só podemos conhecer a história como mediação de várias formas de representação ou de narrativa. Nesse sentido, toda história é uma espécie de narrativa (CONNER, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o auxílio da interseccionalidade é possível descortinar minuciosamente as disparidades presentes nos diferentes âmbitos de uma sociedade. Discutir essa percepção é crucial para que medidas possam ser tomadas como forma de cessar tantas desigualdades, ainda que em períodos adversos, como tem sido nitidamente expresso pelos séculos XX e XXI.

Não obstante, trazer esse discurso sobre escravidão, sobretudo a africana, no contexto do imperialismo europeu é indispensável e de extrema importância ao se falar em literatura pós-colonial. Isso ocorre uma vez que as obras assim classificadas carregam uma margem testemunhal dos próprios autores, embora muitos não a considerem como uma literatura testemunhal. Portanto, o significado do texto é intensificado, bem como seu valor intimista de respeito, admiração e verossimilhança.

Paralelamente, trazer esse olhar historiográfico a respeito das obras de Mia Couto e José Eduardo Agualusa é bem mais do que apenas falar de África e escravidão. Na verdade, essas narrativas trazem um arcabouço que vai além da representatividade da escravidão em território nacional. As produções literárias discutidas neste artigo transportam representações do vivido e possibilitam diferentes perspectivas a partir do mesmo ponto, fazendo com que a relação entre história e literatura dialoguem em coparticipação. Vale a pena destacar que o Pós-colonial, do ponto de vista intelectual e artístico, é um entrelugar de escritas e posturas mais éticas em detrimento da histórica interdição à fala do colonizado.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula**: a correspondência secreta de Fradique Mendes. 1. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- BILGE, Sirma. **Théorisations féministes de l'intersectionnalité**. Diogenes. v.1, n° 225, p. 70-88, 2009.
- BOLSANELLO, Maria A. **Darwinismo social, eugenia e racismo "científico"**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Educar em Revista, n° 12, p. 153-165, 1996. apud BLANC, Marciel. Os herdeiros do Darwinismo. São Paulo: Scritta. 1994.
- CAMPOS, J. S.. **A historicidade das literaturas de língua oficial portuguesa**. In: **I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História-UFG/UCG**, 2008, GOIÂNIA/GO. Anais Do I Seminário De Pesquisa Da Pós-Graduação Em História-UFG/UCG, 2008.
- CHWARCZ, Lilian Moritz: **O espetáculo das raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- COSTA, Sérgio. **"(Re)Encontrando-se nas redes?** As ciências humanas e a nova geopolítica do conhecimento." In: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller (Orgs). **Crítica pós-colonial**: panorama de leituras contemporâneas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. 6° ed. São Paulo: Loyola, 1992.

Questões de raça e etnia nas obras Nação Crioula de José Eduardo Agualusa e O Outro Pé da Sereia de Mia Couto:

Um estudo interseccional

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. 1. ed. Lisboa: Editorial Caminho AS, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA. Tradução de Renato da Silveira, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Una poética del postmodernismo**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.

LEITE, Ana Mafalda, **Empréstimo da oralidade na produção e crítica literárias africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações** (Tomo I – até o século XVIII). São Paulo: Casa das Áfricas / Salvador: EDUFBA, 2009.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, E. V., BERSANI, A. C. G., ALMEIDA, T. F. **Literatura africana pós-colonial: diálogo entre literatura e história**. Proficiência, n° 13, p. 169-185, dez. 2019.

PEREIRA, B. C. J. **Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade**. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 21, n 3, p. 445-454, set. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

TAVARES, Manuel Maria Vilas-Boas. **Gonçalo da Silveira, um missionário da primeira globalização: as primeiras missões jesuítas na África Oriental no Século XVI, em Tongue e Karanga/Monomotapa**. 2020. Dissertação (Mestrado em História do Império Português) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **Interseccionalidade**. Rio Grande do Norte: Assessoria de comunicação. 29 out. 2022.

Submissão em 20 de junho de 2023.

Aceite em 25 de julho de 2023.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

Internacional. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e258955 [2023]
**Dossiê Práxis decoloniais como expressões
de resistência, luta e transformação**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258955>